

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA  
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA  
A REPRESENTAÇÃO DO ÍNDIO  
NA OBRA *O URAGUAI*, DE BASÍLIO DA GAMA

Tailane da Silva Santos (UEMG)  
[tailanesantos2011@hotmail.com](mailto:tailanesantos2011@hotmail.com)  
Acsa Oliveira Fernandes (UEMG)  
[acsaooliveira29@gmail.com](mailto:acsaooliveira29@gmail.com)  
Lídia Maria Nazaré Alves (UEMG)  
[lidianazare@hotmail.com](mailto:lidianazare@hotmail.com)  
Vanessa Fernandes Dias (UEMG)  
[vanessafernandes088@gmail.com](mailto:vanessafernandes088@gmail.com)  
Ivete Monteiro de Azevedo (UEMG)  
[imizevedo62@gmail.com](mailto:imizevedo62@gmail.com)

#### RESUMO

Este estudo tem como premissa o projeto de pesquisa: "Poéticas da modernidade: um olhar para a diferença", em desenvolvimento neste ano de 2016, na UEMG (Unidade de Carangola), sob a orientação da professora Dra. Lídia Maria Nazaré Alves e coordenação do professor Msc. Alexandre H. C. Bittencourt. Antônio Cândido (2006) acredita que a história da literatura brasileira atravessou dois grandes momentos: um de imposição e outro de adaptação da matriz cultural Ibérica. Afrânio Coutinho (1968) acredita que a adaptação foi mais considerável que a imposição. Opiniões dessa natureza contribuem para que se compreenda mecanismos de construção de identidades, tais como a imposição cultural a grupos indefesos, como ocorreu no Brasil, na relação colonizador/colonizado. Como aluno de letras faz-se necessário debruçar-se sobre práticas discursivas hegemônicas, que deixam minar a diferença, resultando na relação centro *versus* margem. A partir de tal entendimento teórico, escolheu-se para objeto de estudo a obra de Basílio da Gama, *O Uruguai*, objetivando-se verificar a relação entre o momento histórico e o modo como tal momento foi representado na ficção. Se, por exemplo, o autor confirmou ou se levantou questionamentos sobre possíveis ideologias de construção/negação do índio. Este estudo justifica-se, considerando-se os objetivos do projeto em questão que é o de levar à comunidade de letras e a outras reflexões em torno da relação história/literatura e construção da diferença. A compreensão de tais elementos viabilizará um olhar mais acurado sobre a função social do escritor em diferentes períodos representados.

#### Palavras-chave:

Afrânio Coutinho. Antonio Candido. Adaptação. Imposição. *O Uruguai*.

### 1. Introdução

O estudo do presente artigo está voltado à temática sobre a imposição e adaptação cultural que a literatura brasileira enfrentou nos primeiros séculos de colonização e a representação do índio neste período. Para

tal, foi elegido como escopo teórico os autores: Antonio Candido (1987) e Afrânio Coutinho (1968), em que, o primeiro afirma haver na história do Brasil uma imposição cultural, nos primeiros anos, e, só após o Romantismo, uma adaptação da cultura europeia; e, o segundo, declara que, desde os primeiros anos, a literatura é brasileira por ser escrita no Brasil, contendo adaptações, uma vez que não havia escolas literárias anteriores na história do país.

Como parte prática dos estudos realizados, foi estabelecido como *corpus* para análise o livro *O Uruguai* de Basílio da Gama.

Basílio da Gama nasceu em 1741, na Vila de São José Del-Rei, hoje Tiradentes. Estudou em uma escola jesuítica e participou da Companhia de Jesus. Em 1759, os jesuítas foram expulsos das terras portuguesas, o que obrigou Basílio a sair do Rio de Janeiro e viajar para Itália e, depois, Portugal, onde foi preso sob a suspeita de ser correligionário aos jesuítas. Sua história mudou quando redigiu um poema em homenagem ao casamento da filha do marquês de Pombal, o qual passou a protegê-lo e deu-lhe o cargo de Secretário do Reino. Transformou-se então, com este fato, um defensor da política do Marquês que combatia rigorosamente os jesuítas.

*O Uruguai* é um poema épico de apenas cinco cantos, sem divisões em estrofes, constituído por versos brancos, ou seja, sem rimas, pertencente ao período literário denominado Arcadismo (1768-1836) em que os escritores, influenciados por ideais iluministas e pelo embrião da Revolução Francesa, queriam expressar em sua escrita a transparência, o bucolismo, o pensamento tranquilo e a racionalidade que o homem estava vivendo. Com esses objetivos, elegeram os índios como heróis nacionais, apontando para sua origem, simplicidade e necessidade de um representante brasileiro na literatura. E, como marco da escrita de Basílio, contém críticas aos jesuítas, culpando-os pelo massacre dos indígenas nas terras ao sul do país, e exalta os portugueses pelo respeito aos que sobreviveram.

É sob esta égide que se pretende discutir o início da literatura brasileira, influenciada ou imposta pela metrópole colonizadora portuguesa, bem como a representação das classes social centrais e marginalizadas.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA  
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

2. *Imposição X adaptação*

A crítica literária discute, ao longo dos anos, até que ponto, a literatura brasileira sofreu uma imposição por parte da matriz colonizadora europeia e, contrapondo este fato, o momento em que os escritos literários produzidos aqui, caminharam sozinhos com firmeza e autenticidade.

Partindo desse pressuposto, é necessário analisar a teoria de renomados escritores sobre a adaptação e a imposição cultural, nos primeiros anos da colônia. Foram elegidos: Afrânio Coutinho e Antonio Candido.

O teórico Afrânio Coutinho (1968) foi professor, crítico literário e ensaísta brasileiro, e ocupou a cadeira 33 da Academia Brasileira de Letras. Em seu livro *A Tradição Afortunada* discorre sobre o início da literatura brasileira, que, na sua opinião, não há divergências entre os períodos literários, o que há são etapas que complementam as anteriores.

O autor afirma que a literatura no Brasil surgiu nos primeiros séculos de colonização: “Origem e formação sob a égide do barroco, nos três primeiros séculos; autonomia no período arcádico-romântico; maturidade na época modernista, são as etapas de desenvolvimento da literatura brasileira” (COUTINHO, 1968, p. 159), e que não existiu uma de caráter colonial e outra, nacional. O que houve foi uma única literatura influenciada por aspectos nacionais da colônia que se distanciavam do espírito e da literatura do colonizador.

O crítico declara que a literatura da colônia sofreu um processo de adaptação da cultura europeia em que tudo foi modificado e reajustado à nova realidade das dificuldades encontradas:

Nada significa hajam sido de importação, desde que todos passaram por um processo de adaptação ao meio brasileiro, como o Aleijadinho teve que adaptar às condições da pedra-sabão os critérios artísticos do barroco.

As exigências da nova realidade provocaram um ajustamento dos estilos artísticos, e estes foram criando os recursos para captar e assimilar as novas condições e peculiaridades, assumindo então uma feição de traços diferenciados. (COUTINHO, 1968, p. 163)

Segundo o ensaísta, influência nenhuma vinda da Europa foi capaz de frear o sentimento de nativismo, responsável pela diferenciação e desejo de distanciamento dos colonos, com relação aos colonizadores e, não pôde impedir que elementos próprios da cultura brasileira adentrassem nos novos textos escritos aqui.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Assim, não foi a influência europeia, pela concepção da vida e pelo estilo estético, suficiente para deter a onda genuína de nativismo, mercê do qual a literatura brasileira, desde os primeiros tempos, viveu a luta pela conquista da autoexpressão e da diferenciação. As formas literárias, os gêneros, foram-se diferenciando da tradição europeia, à custa dessa adaptação à nova realidade, ao novo estado de espírito, ao novo estilo de vida social e nacional. (COUTINHO, 1968, p. 163)

Afrânio Coutinho (1968) sustenta que o amor às coisas da terra como a fauna, a flora, o clima e a paisagem em geral foi crescendo gradualmente, à medida que os autores tomaram conhecimento do homem brasileiro e do meio em que vivia. É neste momento que, conforme o professor ressalta, nasce o desejo de se ter um herói nacional, que melhor representasse os brasileiros: “No século XIII o indígena veio corporificar esse ideal [...] no arcadismo, o índio começou a ser encarado como símbolo do Brasil”. (COUTINHO, 1968, p. 166)

O teórico ratifica que a consciência nacional brasileira já estava presente nos primeiros colonos, e que era impossível que a literatura não acompanhasse esse sentimento “e o fez, com certeza” (COUTINHO, 1968, p. 168), ficando assim, para atrás, a ideia de que a nacionalidade estava ligada à independência política, uma vez que os brasileiros já eram os habitantes do Brasil, bem antes deste fato, desde o momento em que o primeiro homem aqui chegou.

Afrânio Coutinho conclui afirmando que: “Uma literatura é nacional na medida em que exprime os traços de caráter do povo e da civilização em que surge” (COUTINHO, 1968, p. 180), mesmo a matéria prima vinda de outro lugar, pois é o artista nativo que a modula e transforma, a fim de expressar o seu espírito, o seu meio e o seu país.

Antonio Candido nasceu em 24 de julho de 1918 no Rio de Janeiro. É sociólogo, literato e professor universitário brasileiro. Estudou a literatura brasileira e estrangeira, e possui uma obra crítica extensa, respeitada nas principais universidades brasileiras. Atua como professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e é professor-emérito da USP e da UNESP.

Em seu livro, *A Educação Pela Noite e Outros Ensaios*, o professor afirma que a literatura brasileira em sua construção é substancialmente europeia, na medida que possui alma e aspectos sociais da metrópole colonizadora, e somente depois, é que se tem uma literatura nacional escrita, ainda assim, por um colono que foi adestrado com a cultura da sua antiga metrópole, para não criar oposição aos ideais dela:

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

vê-se que no Brasil a literatura foi de tal modo expressão da cultura do colonizador, e depois do colono europeizado, herdeiro dos seus valores e candidato à sua posição de domínio que serviu às vezes violentamente para impor tais valores, contras solicitações a princípio poderosas das culturas primitivas que os cercavam de todos os lados. (CANDIDO, 2006, p. 165)

Opondo-se contra tal afirmação, Afrânio Coutinho frisa: “uma literatura surge desde o instante em que obras literárias aparecem e são usadas para divertir um público, por menor e mais rarefeito o seja”. (COUTINHO, 1968, p. 176)

O sociólogo salienta que a literatura desempenhou um papel crucial na imposição da cultura europeia no Brasil, uma vez que “os cronistas, historiadores, oradores e poetas dos primeiros séculos eram quase todos sacerdotes, juristas, funcionários, militares, senhores de terra- obviamente identificados aos valores sancionados da civilização metropolitana” (CANDIDO, 2006, p. 166), e o que escreviam deveriam ressaltar a religião imposta aos colonos e as normas que regiam a Monarquia.

O literato destaca que a ideologia presente na literatura dos primeiros séculos está ligada diretamente aos artifícios de dominação e que, ao mesmo tempo, que respeita a cultura do colonizado, valoriza a ideologia do colonizador.

Esta noção nitidamente ideológica correspondia a um estágio da consciência nacional em plena euforia. E como tinha um lado verdadeiro, implantou-se de tal modo que ainda hoje vemos críticos e professores falarem da importância dos escritores do período colonial, *apesar* da imitação clássica. Subentende-se que ser brasileiro era ser qualquer coisa de parecido com o que foram os românticos. (CANDIDO, 2006, p. 176)

O crítico reitera que “historicamente a literatura do período colonial foi algo imposto, inevitavelmente imposto, como o resto do equipamento cultural dos portugueses (CANDIDO, 2006, p. 176), e que a nacionalidade brasileira neste período, era totalmente imposta a partir do intuito dos colonizadores, mesmo apresentando contribuições secundárias como o índio e o negro. Os escritos de Afrânio Coutinho (1968) discordam deste excerto ao afirmarem que “através da história, a consciência nacionalizante brasileira teve um constante desenvolvimento, a partir dos primeiros colonos. De estranhar seria que a literatura não traduzisse esse processo. E o fez, com certeza”. (COUTINHO, 1968, p. 1680)

Somente no Arcadismo e, depois, no Romantismo, ocorrido junto a Independência do Brasil, é que, de acordo com Antonio Candido (2006), há uma ruptura com os padrões literários da metrópole e um de-

sejo desenfreado de diferenciação. Ocorre ainda neste momento, a busca por um herói nacional, o índio, e um passado que se distanciasse de Portugal: “Esta ânsia de diferenciação integral de uma jovem nação explica o incremento que teve no século XIX o desejo de inventar um passado que já fosse nacional, marcando desde cedo a diferença em relação à mãe-pátria” (CANDIDO, 2006, p. 175). É revoltado com tal afirmação que Coutinho salienta:

Os autos de Anchieta, as sátiras de Gregório de Matos, os sermões de Vieira, as produções acadêmicas, as trovas de Caldas Barbosa, tudo isso vinha do povo e ia para o povo que constituía o “público” da Colônia, um público restrito, feito de grupos pequenos, mas que correspondia a um estilo de vida e traduzia a mistura de culturas que se processava no laboratório social e racional do Brasil. Não era um público igual ao de hoje, mas era um organismo coletivo que respondia de modo próprio e adequado à intenção dos escritores.

Tudo isso já era literatura brasileira, já através dessas expressões espírito brasileiro falava, do mesmo modo que o país já era Brasil e o homem que aqui vivia já era brasileiro. (COUTINHO, 1968, p. 176)

### **3. *O Uruguai: duas faces de uma mesma moeda***

O poema *O Uruguai*, apesar de ser uma obra arcádica, por ter sido escrita no final do século XVIII, possui traços que a aproximam do Romantismo, como a defesa do nativo, o índio, como o verdadeiro herói nacional. A obra inicia-se com a reunião das tropas portuguesas e espanholas comandadas pelo general Gomes Freire de Andrade, e é apresentado ao leitor a triste realidade do campo de batalha com sangue e corpos espalhados:

Fumam ainda nas desertas praias  
Lagos de sangue tépidos e impuros  
Em que ondeiam cadáveres despídos,  
Pasto de corvos. Dura ainda nos vales  
O rouco som da irada artilheria.  
MUSA, honremos o Herói que o povo rude  
Subjugou do Uruguai, e no seu sangue  
Dos decretos reais lavou a afronta.

(GAMA, 1964)

É possível observar nesta primeira estrofe do poema, o modo como os povos indígenas, que viviam na região do sul do país, sofreram repressão por não abandonarem as terras que, por direito, eram deles. O texto segue com exaltação aos feitos “pombalinos” e críticas à cegueira da guerra e as práticas jesuítas.

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Ao chegarem na região do Rio Uruguai, as tropas luso-espanholas não esperavam encontrar a forte oposição dos indígenas e, muito menos, ter que lutar contra ela, como pode se observar no seguinte trecho do poema em que toma a palavra Andrade:

Sete Povos, que os bárbaros habitam  
Naquela oriental vasta campina  
Que o fértil Uruguai discorre e banha.  
Quem podia esperar que uns índios rudes,  
sem disciplina, sem valor, sem armas,  
Se atravessassem no caminho aos nossos,  
E que lhes disputassem o terreno!  
[...]  
E os padres os incitam e acompanham.  
Que, à sua discrição, só eles podem  
Aqui mover ou sosegar a guerra.

(GAMA, 1964)

Nota-se aqui, a adaptação cultural a que os índios foram submetidos, visto que os jesuítas, representados nesse excerto pelos padres, eram tidos como “rei” e, a cultura nativa deles, essencialmente, nada tinha haver com a catequização imposta por representantes da metrópole.

Encontra-se ainda na narrativa a descrição do encontro entre os caciques Cepê e Cacambo e o comandante português, Gomes Freire de Andrade, à margem do rio Uruguai. Eles conversam e tentam chegar num acordo, porém é impossível, uma vez que os índios estavam sob o comando dos jesuítas portugueses e estes se negavam a aceitar a nacionalidade espanhola.

Volta, senhor, não passes adiante.  
Que mais queres de nós? Não nos obrigue  
A resistir-te em campo aberto. Pode  
Custar-te muito sangue o dar um passo.  
Não queiras ver se cortam nossas flechas.  
Vê que o nome dos reis não nos assusta.  
O teu está mui longe; e nós os índios  
Não temos outro rei mais do que os padres.

(GAMA, 1964)

O trecho acima é um fragmento da fala do cacique Cacambo ao general luso-espanhol e mostra o choque cultural dos dois. De um lado estavam os índios que sofreram a adaptação e influência dos padres lutando por seu território e, do outro, o comandante do exército que queria tomar aquelas terras e exterminar os jesuítas, passando por cima de quem quer que fosse.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Os índios e as tropas luso-espanholas duelam e, apesar de lutarem valentemente, os índios foram vencidos com pelo poder de fogo dos europeus. Cepê morre no conflito e Cacambo comanda a retirada dos indígenas remanescentes.

O general está acampado às margens de um rio, do outro lado, Cacambo adormece e tem um sonho com o espírito de Cepê, em que, este, o incita a incendiar o acampamento inimigo. Cacambo, então, atravessa o rio e provoca o incêndio, depois, regressa para a tribo e neste momento surge Lindoia, a amada dele. Porém, quando viveriam esse amor, Balda, um religioso insidioso que engravida uma nativa e dá a luz a Baldeta, arma uma trama para prender Cacambo, que assim ocorre, e matam-no envenenado.

[..] Tinha Cacambo  
Real esposa, a senhoril Lindoia,  
De costumes suavíssimos e honestos,  
Em verdes anos: com ditosos laços  
Amor os tinha unido; mas apenas  
Os tinha unido, quando ao som primeiro  
Das trombetas lho arrebatou dos braços  
A glória enganadora. Ou foi que Balda,  
Engenhoso e sutil, quis desfazer-se  
Da presença importuna e perigosa  
Do índio generoso; e desde aquela  
Saudosa manhã, que a despedida  
Presenciou dos dous amantes, nunca  
Consentiu que outra vez tornasse aos braços  
Da formosa Lindoia e descobria  
Sempre novos pretextos da demora.  
[...]  
Por meio de um licor desconhecido,  
Que lhe deu compassivo o santo padre,  
Jaz o ilustre Cacambo-entre os gentios  
Único que na paz e em dura guerra  
De virtude e valor deu claro exemplo.

(GAMA, 1964)

Neste fragmento há uma dura crítica aos jesuítas em que apresenta-se Baldo como vilão que não mede esforços para tornar seu filho Baldetta cacique, no lugar de Cacambo. Tal fato, aponta para atitude de marquês de Pombal de expulsar os religiosos do território brasileiro.

No ímpeto de encontrar a morte e assim, ir ter com se amado, Lindoia vai ter com a feiticeira Tanajura que a propicia visões. A índia



**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**  
**XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

“vê” o terremoto de Lisboa, a reconstrução da cidade pelo marquês de Pombal e a expulsão dos jesuítas.

Nem quer que o esposo longamente a espere  
No reino escuro, aonde se não ama.  
Mas a enrugada Tanajura, que era  
Prudente e experimentada (e que a seus peitos  
Tinha criado em mais ditosa idade  
A mãe da mãe da mísera Lindoia),  
E lia pela história do futuro,  
Visionária, supersticiosa  
Que de abertos sepulcros recolhia  
Nuas caveiras e esburgados ossos,  
A uma medonha gruta, onde ardem sempre  
Verdes candeias, conduziu chorando  
Lindoia, a quem amava como filha;

(GAMA, 1964)

Nessa parte da obra, é apresentada a valorização da mitologia indígena, em que Tanajura faz uso de rituais que farão o futuro se revelar para Lindoia.

A história prossegue com o relato de como Andrade salva as tropas no incêndio e marcham em direção aos Sete Povos das Missões. Quando chegam lá, sobem uma alta montanha e contemplam a beleza da região.

Qual vê quem foge à terra pouco a pouco  
Ir crescendo o horizonte, que se encurva,  
Até que com os céus o mar confina,  
Nem tem à vista mais que o ar e as ondas:  
Assim quem olha de escarpado cume  
Não vê mais do que o céu, que o mais lhe encobre  
A tarda e fria névoa, escura e densa.  
Mas quando o Sol de lá do eterno e fixo  
Purpúreo encosto de dourado assento,  
Coa criadora mão desfaz e corre  
O véu cinzento de ondeadas nuvens,  
Que alegre cena para os olhos! Podem  
Daquela altura, por espaço imenso,  
Ver as longas campinas retalhadas  
De trêmulos ribeiros, claras fontes  
E lagos cristalinos, onde molha  
As leves asas o lascivo vento.  
Engraçados outeiros, fundos vales  
E arvoredos copados e confusos,  
Verde teatro, onde se admira quanto  
Produziu a supérflua Natureza.

(GAMA, 1964)

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Enquanto isso, Balde dá início aos festejos do casamento de Baldetta com Lindoia, com um desfile militar. Lindoia foge da aldeia por não aceitar a união e penetra na parte mais remontado antigo bosque, ficando deitada numa pedra, onde uma serpente a morde. Caititu, seu irmão, encontra-a entre jasmims e rosas. Ao tomar a irmã nos braços, descobre os sinais do veneno, ela já havia sido picada; percebe o quanto era bela a morte no rosto.

[...] Um frio susto corre pelas veias  
De Caititu, que deixa os seus no campo;  
E a irmã por entre as sombras do arvoredo  
Busca coa vista, e teme de encontra-la.  
Entram enfim na mais remota e interna  
Parte de antigo bosque, escuro e negro,  
Onde ao pé de uma lapa cavernosa  
Cobre uma rouca fonte, que murmura,  
Curva latada e jasmims e rosas.  
Este lugar delicioso e triste,  
Cansada de viver, tinha escolhido.  
Para morrer a mísera Lindoia.

(GAMA, 1964)

Quando o padre descobre o suicídio da índia, proíbe que a moça seja velada e sepultada. Após, se vinga contra a feiticeira condenando-a à morte. Neste instante, entra na aldeia um índio dando o alarme da chegada dos inimigo e Balda, então, dá ordem de retirada, ordenando que queimassem tudo, iniciando pela choupana de Tanajura.

Quando as tropas chegam à missão, percebem que já era tarde demais, o general vê tudo em cinzas e chora indignado com o que se apresenta diante dos seus olhos, não restando, nem mesmo, as pinturas sagradas da igreja.

O poema termina com a descrição do templo que fazia alusão aos diversos crimes e perseguições cometidos pelos jesuítas aos índios e, portanto, o poeta dá por encerrada a sua tarefa.

Serás lido, Uruguai. Cubra os meus olhos  
Embora um dia a escura noite eterna.  
Tu vive e goza a luz serena e pura.

(GAMA, 1964)

#### **4. Conclusão**

No princípio deste artigo, propôs-se o estudo da imposição e adaptação cultural na literatura brasileira em seus anos iniciais, a partir

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

do livro *O Uruguai* de Basílio da Gama, à luz dos teóricos Afranio Coutinho e Antonio Candido.

Conclui-se, portanto, que em *O Uruguai* há tanto uma adaptação à cultura da metrópole, através das práticas catequistas dos jesuítas aos nativos que aqui viviam, quanto uma imposição cultural, no momento em que tropas colonizadoras matam e tomam a força o poder e o território, bem como no episódio em que o padre Balda manda matar Cacambo, a fim de que o cargo de cacique passasse ao seu filho.

O índio, novo herói nacional, sofreu as duras consequências de uma guerra marcada pela luta territorial e pelo domínio. Ensina-ram o que sabiam, lutaram guerras que não eram deles e em troca ganharam mortes, doenças e ludíbrio respeito.

Antônio Cândido afirma que em São Paulo século XVIII, os índios apareciam apenas como um apêndice nas festas nacionais. "Em nível mais brando, as culturas dominadas foram permitidas em todo o país a modo de apêndice pitoresco, como válvula de escape que formava contraste para realçar a cultura dominante nas festividades oficiais". (CANDIDO, 1969, p. 3)

Esse apêndice acompanhou todo o processo histórico brasileiro. Pesquisando o lugar e o perfil do índio em obras da literatura brasileira, encontramos pouquíssimas representações que os contemplavam.

De acordo com o trabalho de conclusão de curso de Esleine Henrique Pereira da Silva e Assíbia Ribeiro Frossard Sabino (2015), o livro de poesias de Augusto dos Anjos, de 1998, traz 210 poesias, somente duas delas representam o índio e, quando o faz, é de forma demeritória. As autoras citam esse excerto que acreditamos bastante produtivo. Segue, então, fragmento da poesia "Os Doentes", encontrada no livro referido.

#### IV

Começara a chover. Pelas algentes  
Ruas, a água, em cachoeiras desobstruídas  
Encharcava os buracos das feridas,  
Alagava a medula dos Doentes!

Do fundo do meu trágico destino,  
Onde a Resignação os braços cruza,  
Saía, com o vexame de uma fusa,  
A mágoa gaguejada de um cretino.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Aquele ruído obscuro de gagueira  
Que à noite, em sonhos mórbidos, me acorda,  
Vinha da vibração bruta da corda  
Mais recôndita da alma brasileira!

Aturdia-me a tétrica miragem  
De que, naquele instante, no Amazonas,  
Fedia, entregue a vísceras glutonas,  
A carcaça esquecida de um selvagem.

A civilização entrou na taba  
Em que ele estava. O gênio de Colombo  
Manchou de opróbrios a alma do mazombo,  
Cuspiu na cova do morubixaba!

E o índio, por fim, adstrito à étnica escória,  
Recebeu, tendo o horror no rosto impresso,  
Esse achincalhamento do progresso  
Que o anulava na crítica da História!

Como quem analisa uma apostema,  
De repente, acordando na desgraça,  
Viu toda a podridão de sua raça...  
Na tumba de Iracema!...

(ANJOS, 1998, p. 41)

Segundo as autoras o índio é representado para mostrar o que de fato aconteceu à sua geração. A título de ilustração, tomam-se os conflitos que ocorreram na segunda metade do século XIX, entre colonizadores e índios botocudos, na região fronteira aos estados de Minas Gerais e Espírito Santo, nas proximidades dos territórios banhados pelo Rio Doce, que foi um importante vetor da colonização do Espírito Santo.

Vê-se que este “apêndice” para retomar a voz de Antonio Candido supracitado, contribuiu para o desaparecimento do índio do solo da nação brasileira e também da memória do povo brasileiro, que, sendo mestiço, deveria vivificá-lo sempre, lutando para que sua cultura permanecesse em constante diálogo com o multiculturalismo hodierno.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANJOS, Augusto dos. Os doentes. In: \_\_\_\_\_. *Eu e outras poesias*. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 41.
- CANDIDO, Antonio. Literatura de dois gumes. In: \_\_\_\_\_. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2006, p. 163-180.

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**  
**XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**

COUTINHO, Afrânio. A tradição afortunada. In: \_\_\_\_\_. *A tradição afortunada: o espírito de nacionalidade na crítica brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968, p. 159-189.

GAMA, Basílio da. *O Uruguai*. Rio de Janeiro: Agir, 1964.